

Há mais de cinco anos, este repórter e um grupo de rapazes da faixa etária entre 15 a 19 anos, fundaram o "305 de Esporte e Cultura". Era tentativa de criar um leque portátil de passatempos, antes de tudo, úteis, que tivesse ponto de partida nos jovens da SQS 305, mas, ambiciosamente, procurasse irradiar ampla convivência interquadras, nos setores esportivo e cultural.

Como primeira providência veio a organização de equipes de futebol de meninos, o que, infelizmente, muito cedo, fugiu ao controle do 305 EC, deixando-se de atingir o aspecto visado, de interação da comunidade. Apareceu o "dente de leite" com fisionomia de competição de clubes financeiramente fortes e subordinada a regulamento especialmente criado, até com ramificações interestaduais, esquema que deturpou a iniciativa original.

Paralelamente, o 305 EC procurou estimular capoeira, esgrima, vôleibol e futebol de salão, obtendo razoável sucesso.

O poder público, apesar de solícito, esteve ausente da experiência, talvez porque os assessores governamentais descreditasse nesse tipo de esforço para interação social baseado no lazer e nas atividades recreativas e culturais. A experiência do "305 de Esporte e Cultura" falhou, mas permanece válida (embora desatendida). Tanto que, na SQS 409 realizou-se, à mesma época, trabalho semelhante, que não foi prosseguido. Chegou-se a estabelecer liame de amizade entre os clubes de ambas as superquadras, que tinham os jovens no primeiro degrau, mas objetivavam trabalho mais sério, que englobaria — em atividade multifase — toda a população das superquadras e quadras do Plano Piloto.

Esta reportagem é proposta e apelo; proposta ao Governo local, no sentido de que ou estimule os clubes de vizinhança previstos no Plano Piloto, da cidade, ou crie uma filosofia do lazer e da recreação; apelo para que promova e construa a infra-estrutura material, qualquer sejam os empecilhos. Assim, o brasileiro poderá ter vida em que o lazer não seja interpretado como resíduo da atividade produtiva — ou meio de o indivíduo apenas refazer-se da fadiga diária —, mas como função necessária ao equilíbrio emocional e psicológico do ser humano.

Brasília: temas e poemas

6

Uma cidade à espera de lazer...

Num ponto, os críticos de Brasília parecem ter razão: a cidade está perdendo os "atrações futuristas" e adquirindo, apressadamente, a fisionomia cansada de metrópole tradicional. Os que viram a cidade nascer, clamam por vida cultural mais intensa, por mais oportunidades de divertimento para a população que parece esclerosar-se. Um dos pioneiros da Nova Capital afirma:

— Com todo o desconforto que a batalha da construção dava, o cangango parecia divertir-se mais do que o cidadão de hoje. Lembro-me que, debaixo da poeira intensa da Cidade Livre, todos brincavam a valer, em ambientes onde até o Niemeyer passava horas de bate-papo, toda noite. Ninguém se destacava pela posição social, naquele centro para maiores de 21 anos, que só encontrava concorrência no restaurante e bar Chez Willy.

Outros brasileiros da primeira hora se recordam de que o Chez Willy foi a primeira casa de refeições a introduzir em Brasília, música ao vivo. Isso chamava grande número de frequentadores, e tudo ia bem até meia noite. Daí para diante, tudo podia acontecer. Certa feita, o proprietário do "restaurante e bar" não tinha como terminar uma briga. A Polícia andava longe, e ele resolveu sair à rua dando tiros. Os policiais vieram... mas para prender o dono do Chez Willy.

A meninada brincava mesmo na poeira ou na lama. Enquanto isso, o Osvaldo, topógrafo da Novacap, se interessou pelo esporte. Fundou o Guarã, que passou a ser atração para os futebolistas cangangos. Com trabalho e diversão, todos se sentiam bem. Mais tarde, os funcionários mais graduados passaram a frequentar a boate do Brasília Palace. Nesse hotel, a Katucha fundou o Clube de Cinema, que promovia serestas, movimentadas pelo major Assis, por Mário Meireles, Baima de Carvalho, Carlos Rodrigues e Gilberto Scarpa, que foi também o Presidente da "Associação dos Frequentadores do Aeroporto". O grupo de Katucha foi o núcleo do Cota Mil. Mas, o importante, é que, naquela época, o habitante de Brasília parecia mais satisfeito, mais amigo e mais seguro, sem viver reclamando a falta de sol ou de chuva.

Verifica-se que Lúcio Costa tem razão, quando se queixa de que, "seja por incompreensão, seja devido à interferência de novas implicações, válidas ou fictícias", o urbanismo de Brasília começou a ser desvirtuado no próprio nascedouro. Prova disso é que, — segundo ele — "a característica fundamental do plano era permitir em cada área de vizinhança, constituída por quatro superquadras, a convivência de pessoas de padrões econômicos diferentes; isto sem mútuo constrangimento, porquanto cada quadra teria apenas moradores de determinado padrão". A proposta era de diluição das diferenças do "status" econômico, na área residencial, com o objetivo de evitar a estratificação em áreas rigidamente diferenciadas, demonstrando-se "na prática, como resolver, no regime capitalista, o problema social da coexistência das classes".

A política dos clubes de vizinhança deixou de completar-se. O lazer e a recreação passaram à condição de ociosidade; portanto, desnecessários. Felizmente, para a criança, a atividade esportiva se instaurou nos estabelecimentos de ensino. Mas a recreação, como tal, reservou-se aos clubes de sofisticada organização. As quadras e o setor habitacional do lago ficaram desprovidos de diversões populares. Os jovens da faixa etária entre 15 e 19 anos passaram a sentir a falta de lugares recreativos. Eles, tanto quanto os mais velhos, se viram forçados à alternativa dispendiosa das pavilhões de dança de um centro comercial, próximo ao aeroporto, ou a pontos de encontro na área comercial da SQS 109. Fora daí, o "sambão" ou o "hi-fi" semanal e já rotineiro deste ou daquele clube, nada mais existe, que preencha a exigência natural de distração organizada dos habitantes da Capital da República.

Quando o repórter criou o "305 de Esporte e Cultura", em 1969, certo funcionário admitiu que o "entusiasmo esportivo-cultural" talvez prevalecesse como fator de diminuição da delinquência juvenil. Rejeitou, assim, o valor próprio da recreação, que não se confunde com panacéias ou remédios de emergência. Na verdade, funciona como isso, mas atinge objetivo muito além da concepção comum, de vez que faz parte da formação mental, moral e emocional de crianças e adolescentes. Isso está comprovado em pesquisas. Por exemplo, em 1942, Catherine Dunning realizou estudo de cinco comunidades selecionadas em Chicago, observando que a não-participação dos delinquentes, na recreação supervisionada é igual a dos participantes. Mas os que fugiam à recreação acabavam com índice de 80% de reincidência superior aos que se faziam presentes.

A comunidade brasileira espera que lhe sejam oferecidos programas, recursos e oportunidades, livres de uniformização e embaraço, mas capazes de proporcionar prazer, aventura e entretenimento. Isso é possível desde que certos administradores admitam, com humildade, a colaboração de terceiros, em vez de insistirem na repetição de equívocos semelhantes que ocorre em relação à população do DF. Há quem diga, por exemplo, que Brasília foi planejada para 500.000 habitantes e está com 800.000. Puro engano, ou desatenção.

Na verdade, Lúcio Costa estabeleceu o limite de meio milhão de pessoas, na área do Plano Piloto. O Distrito Federal — cuja área é de 5.814 quilômetros quadrados — atinge, neste ano da graça de 1975, a casa dos oitocentos mil habitantes... dos quais apenas 202.360 residem no Plano Piloto. Faltam, portanto, mais de 297 mil habitantes para completar o teto previsto.

A distorção do enfoque talvez seja responsável pelo "desespero de ter de fazer com que o planejamento corra atrás da necessidade" — como explicou o engenheiro Geraldo Roberto Orlandi, no I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília. Carroça na frente do boi — diria o sertanejo; ausência de previsão, comentaria o sr. Roberto Campos.

Ninguém deseja "impedir a demanda de Brasília em busca da esperança": o que se pretende é que esta cidade, justamente por ter sido planejada, dê aos seus habitantes aquele bem-estar, aquele ambiente de lazer e de recreação, aquela facilidade que muita cidade tradicional, não-planejada, oferece. Por outro lado, seria inconsequente justificar-se a mistura de estilos e sistemas em Brasília, com "o surpreendente progresso brasileiro, que derruba e supera os planejamentos". Dizer que a Nova Capital "por vezes nos apresenta sua face de enigma, sua figura de incógnita", parece também impróprio a um técnico, ao qual compete encontrar soluções, achar os segredos da esfinge, o que é trabalho para inteligentes e sábios.

Em carta ao Senador Caffete Pinheiro, o arquiteto Lúcio Costa informou em junho de 1971:

— Na Administração passada, ou na anterior, já não me recordo, consultado sobre o aproveitamento de uma grande área urbana para a construção de habitações econômicas, sugeri planejamento racional para 100.000 pessoas, com apartamentos decentes (50 m²), escolas, áreas verdes para recreio, centros sociais e de comércio, mas os responsáveis pela NOVACAP entenderam não ser possível financiamento nesses termos pelo BNH, cujos padrões são outros. Ora, tratando-se da Capital do País, entendo que o Governo tem o direito de impor o padrão que lhe convém, ou seja, mantido o princípio da correção monetária, exigir prazo de amortização e juros compatíveis com a finalidade social do empreendimento.

O adulto em Brasília, quando pretende distrair-se, tem poucas alternativas: vai ao cinema, às boates próximas ao aeroporto, às casas de chépe ou fica mesmo preso aos programas de televisão, se falta recepção em casa de amigo ou nalguma Embaixada. Evidentemente isso não basta para que se diga que a cidade é áspere. Mas permite argumento ao inimigo da Nova Capital.

Daí a urgência do desdobramento de programas recreacionais — que indiquem esportes, música, teatro, artes e atividades sociais — nas quadras e superquadras, além da implantação do Centro Social, Comercial e de Diversões ao longo da plataforma rodoviária.

O esquecimento da recreação deixa aos habitantes de Brasília apenas a escolha de clubes, cujas taxas se inflacionam e que só podem ser frequentados aos fins-de-semana ou feriados. Fora daí, há um vazio que parece preenchido com recurso aos estabelecimentos escolares, aos raros festivais estudantis e ao interesse, muita vez inconsciente, pelo movimento religioso. O indivíduo, depois de cumprir a obrigação de cada dia, começa a busca da "identidade pessoal", de si mesmo. Nessa procura, repetida sempre, ele se ajusta a Bataça, no horror à solidão mental, espiritual, convencional e social. Fato-lhe a recreação. Que fazer?

Além das conferências, cursilhos, sessões espíritas, rituais de umbanda ou candomblé, a continuação dos estudos. Pode dar certo para adultos, essa postura; mas, terá a juventude essa mesma inspiração? Ou esses recursos ao mundo transcendental não seriam prenúncio da perda do sentimento comunitário — semelhante à que ocorreu em Atenas, quando Platão escreveu a sua "República"?

O que sucede na Nova Capital brasileira, com a ascensão do espírito religioso, pode estar associado a anseios da comunidade. Aliás, os sociólogos admitem que as grandes confissões crescem quando há "colapso" da sociedade familiar, tribal ou étnica, sob poderosas forças.

Brasília é humana. Por ser assim, tem quase tudo de tradicional; a moral, as crenças, as normas de vida, inclusive se assenta nas mais antigas bases da comunidade, justamente o parentesco e a religião. As novidades que poderia apresentar, no plano estético-urbanístico-arquitetônico, vão sendo debulhadas, postas em dúvida, substituídas. Tanto que o engenheiro Geraldo Roberto Orlandi confessou no I Seminário do DF:.

— Dadas as suas características, a cidade se agiganta ante seus técnicos, criando barreiras de difícil transposição por nunca terem sido vistas, nunca sentidas, nunca vividas.

Evidentemente, a Capital brasileira nasceu "achatando a pirâmide social", — para usar expressão do grande profissional da arquitetura Victor Gruen, que vê no "cliente do arquiteto não mais alguém que deseja palácios, castelos ou mansões, mas que encomenda planejamento e criação de conforto para as multidões". Mas isso é desafio aos técnicos, que devem enfrentá-lo, em vez de fugir.

Cinquenta e três por cento da população de Brasília situam-se na faixa etária de 0 a 19 anos, e precisam de compreensão, de estímulo e condições de lazer e recreação. Só quem lhes pode oferecer tal, é o poder público por intermédio da estrutura administrativa que dispõe. O restante da população também precisa de atividade recreativa. Ora, o governo do DF já anunciou sua disposição em satisfazer essas necessidades da população. É de acreditar, portanto, que o assunto aqui ventilado já esteja em fase de equacionamento.